



A Construção e Consolidação de uma Comunicação Comunitária: o caso da Escola Félix da Cunha – Pelotas/RS¹

Maiara dos Santos MARINHO²
Vanessa Doumid DAMASCENO³
Universidade Federal de Pelotas, RS, Pelotas

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apontar a experiência própria de construção e consolidação de uma Comunicação Comunitária em diálogo direto com estudantes do ensino básico para proporcionar a transformação social, a construção de identidade e a emancipação da própria história. Sendo assim, utiliza-se também o estudo de conceitos de Comunicação Educativa e Educomunicação.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação comunitária; pedagogia da comunicação; educomunicação; hegemonia; emancipação.

1. INTRODUÇÃO

Historicamente a comunicação no Brasil vem sendo gerenciada por monopólios, caracterizados pela concentração de poder. Além dela ser concentrada, é utilizada como ferramenta ideológica de poder. Sendo assim, ao ter a hegemonia sobre o pensamento, impossibilita-se a disputa ideológica, processo plausível e saudável para uma democracia. A problemática não está caracterizada na comunicação regida pela estrutura ideológica, senão pelo controle deste poder midiático de um pequeno grupo com os mesmos interesses políticos. A disputa por esse espaço tem sido feita de diversas maneiras. Desde a organização de movimentos sociais pela democratização da comunicação até alternativas construídas em bairros, sindicatos, escolas, entre outros. É neste segundo ponto que nos atentaremos neste trabalho.

A partir da perspectiva de construção de comunicação para além dos meios hegemônicos, uma das alternativas postas na nossa sociedade é a Comunicação Comunitária. O conceito

¹ Comunicação, Espaço e Cidadania.

² Graduanda do Curso de Jornalismo da UFPel, email: dossantos.mai@gmail.com.

³ Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Doutora em Letras pela Universidade Católica de Pelotas e professora na Universidade Federal de Pelotas no Centro de Letras e Comunicação, e-mail: nessad@uol.com.br.

de hegemonia, na perspectiva de Gramsci (MORAES), é o domínio de uma classe ou um bloco de classes sobre outra no âmbito político, cultural e ideológico. No entanto,

hegemonia não deve ser entendida nos limites de uma coerção pura e simples, pois inclui a direção cultural e o consentimento social a um universo de convicções, normas morais e regras de conduta, assim como a destruição e a superação de outras crenças e sentimentos diante da vida e do mundo (GRAMSCI apud MORAES, 2010, p. 2).

Na tentativa de construir uma proposta contra-hegemônica de comunicação, aposta-se na construção da comunicação popular, alternativa ou comunitária. O termo vem sendo ressignificado de acordo com as transformações da própria comunicação ao longo do tempo. O que antes era conhecida como Comunicação Popular, foi sofrendo alterações a partir da apropriação dos meios convencionais ao significado original – comunicação feita *pelo* povo – em que o jornalismo tradicional ou hegemônico começou a utilizar como comunicação *para* o povo. Na tentativa de manter a diferenciação, os termos Comunicação Comunitária e Alternativa surgiram em resposta. Para Kaplún (1985, p. 7) a comunicação popular (comunitária e/ou alternativa) é “uma comunicação libertadora, transformadora, que tem o povo como gerador e protagonista”.

No entanto, o fundamental é entender como se constitui a comunicação nos grupos marginalizados, e, para isso, surge a pergunta: por que é importante a construção de uma outra comunicação? Para responder a esta pergunta basta observar como é organizada a comunicação tradicional tanto na sua linha editorial quanto nas suas reportagens cotidianamente. A criminalização dos movimentos sociais, a banalização da violência, a construção sistemática de pautas com tom sensacionalista a determinados grupos políticos, entre outros aspectos, são características comuns nesses veículos que se autointitulam *imparciais* e *plurais*. No entanto, ao analisar o seu discurso é possível perceber que a tendência é defender a lógica neoliberal de organização social onde, ao se utilizar da defesa de um sistema que prima pela privatização do que é público e divide grupos sociais marginalizando-os, exclui-se algumas vozes. São elas: população periférica, mulheres – em sua maioria pobres e negras -, estudantes organizados, indígenas, quilombolas, trabalhadoras e trabalhadores, movimento sindical, etc.

Diferente do jornalismo hegemônico, a comunicação comunitária não pressupõe a tentativa de monopolizar o seu discurso pois, como explica Fiske (apud KELLNER, 2001, p. 150)

“não pode haver cultura popular dominante, pois a cultura popular sempre se forma como reação às forças de dominação, e nunca como parte delas”.

A comunicação comunitária – respaldada pela cidadania – reconhece a importância dessas vozes. E, além disso, tem nelas a referência de construção contra-hegemônica. Esta construção alternativa pode ser feita em diferentes espaços como em bairros, sindicatos, movimento estudantil e escolas, por exemplo. Pensando nisso, exponho aqui a realização inicial do meu Trabalho de Conclusão de Curso no Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) onde pesquiso quais transformações emancipatórias são perceptíveis nos educandos da escola Félix da Cunha, na cidade de Pelotas-RS, a partir de oficinas na tentativa de construção e consolidação de uma comunicação comunitária.

2. COMUNICAÇÃO EDUCATIVA E EDUCOMUNICAÇÃO: EM BUSCA DA CONSTRUÇÃO COLETIVA E EMANCIPATÓRIA⁴

A comunicação popular ou comunitária complementa-se à dinâmica e aos princípios da educação como prática libertadora, em que libertação é “a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 1970, p.). Freire explicita como a pedagogia se relaciona diretamente com a comunicação, pois afirma que a relação comunicativa entre os sujeitos e os objetos passíveis de aprendizado é essencial para o ato de aprender.

Como complemento à teoria da educação libertadora⁵ em relação direta com a prática de comunicação, o teórico argentino Mário Kaplún conceitua o termo Comunicação Educativa como uma prática em busca de um resultado formativo. Para ele “a cada tipo de educación corresponde una determinada concepción y una determinada práctica de la comunicación” (KAPLÚN, 2002, p. 15). Sendo assim, ao apresentar os indicadores dos modelos de comunicação e de educação, o autor relaciona a concepção de educação bancária e manipuladora à transmissão persuasiva de informação e a educação libertadora-transformadora à comunicação dialógica. No primeiro, a função política é de adaptação e, no segundo caso, é de liberação. Abaixo, a tabela completa.

⁴ Segundo Carlos Eduardo Moreira (2008, p. 163), “a emancipação humana aparece, na obra de Paulo Freire, como uma grande conquista política a ser efetivada pela práxis humana, na luta ininterrupta a favor da libertação das pessoas de suas vidas desumanizadas pela opressão e dominação social.”

⁵ Para Freire (1970, p. 69), “o importante do ponto de vista de uma educação libertadora, e não “bancária”, é que, em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros.”

INDICADORES / Modelo	Enfasis en los Contenidos	Enfasis en los Resultados	Enfasis en el Proceso
CONCEPCION	Bancaria	Manipuladora	Liberadora - Transformadora
PEDAGOGIA	Exógena	Exógena	Endógena
LUGAR DEL EDUCANDO	Objeto	Objeto	Sujeto
EJE	Profesor - Texto	Programador	Sujeto - Grupo
RELACION	Autoritaria - Paternalista	Autoritaria - Paternalista	Autogestionaria
OBJETIVO EVALUADO	Enseñar / Aprender (Repetir)	Entrenar / Hacer	Pensar - Transformar
FUNCION EDUCATIVA	Transmisión de Conocimientos	Técnicas - Conductas Ingeniería del Comportamiento	Reflexión - Acción
TIPO DE COMUNICACION	Transmisión de Información	Información / Persuasión	Comunicación (Diálogo)
MOTIVACION	Individual: premios / castigos	Individual: estímulo / recompensa	Social
FUNCION DEL DOCENTE	Enseñante	Instructor	Facilitador - Animador
GRADO DE PARTICIPACION	Mínima	Seudo-participacion	Máxima
FORMACION DE LA CRITICIDAD	Bloqueada	Evitada	Altamente estimulada
CREATIVIDAD	Bloqueada	Bloqueada	Altamente estimulada
PAPEL DEL ERROR	Fallo	Fallo	Camino, búsqueda
MANEJO DEL CONFLICTO	Reprimido	Eludido	Asumido
RECURSOS DE APOYO	Refuerzo transmisión	Tecnología Educativa	Generadores
VALOR	Obediencia	Lucro, utilitarismo	Solidaridad, cooperación
FUNCION POLITICA	Acatamiento	Acatamiento / Adaptación	Liberación

El comunicador popular (1985, primera edición, Colección Intiyan/Ediciones CIESPAL)

Para o autor, a educação com ênfase no conteúdo é aquela com base somente na transmissão de conhecimentos da elite às massas; a que coloca ênfase nos efeitos consiste em moldar os indivíduos com objetivos preestabelecidos e a educação com ênfase no processo tem como objetivo a transformação, interação das pessoas com suas respectivas realidades e o desenvolvimento da capacidade intelectual.

Enquanto que, segundo Kaplún, a Comunicação Dominadora é caracterizada como um monólogo, vertical, monopolizada e concentrada em minorias, a Comunicação Democrática é um diálogo, horizontal, participativa e ao serviço das maiorias. Sendo assim, para Kaplún (2002) a proposta da Comunicação Educativa é “que el sujeto piense y que ese pensar lo lleve a transformar la realidad”.

Assim como a educação necessita reconhecer a comunicação como parte do processo educacional para o ato cognoscitivo, a comunicação comunitária deve aplicar as concepções de uma educação libertadora onde as relações não sejam baseadas somente entre um emissor e um receptor, mas para que seja um intercâmbio de informações, de fortalecimento

crítico do pensamento e de possibilidades de emancipação de novos comunicadores populares. A função do/a comunicador/a popular

no consiste sólo ni tanto en transmitir nuevos conocimientos, sino sobre todo en presentar a la comunidad popular experiencias que ésta ya está viviendo y darle instrumentos para decodificarlas, interpretarlas, analizarlas, llegar a comprender sus causas (KAPLÚN, 1985, p. 175).

Os estudos de Educomunicação são recentes no Brasil. Segundo Soares (2011), o termo surgiu pela primeira vez no país em 1999 a partir de um intenso trabalho de pesquisa de 176 especialistas de 12 países da América Latina, no Núcleo de Comunicação e Educação da USP. Com isso, partindo

da premissa de que educomunicação, conceito que – no entendimento do Núcleo de Comunicação e Educação da USP – designa um campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação, apresenta-se, hoje, como um excelente caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de todos os seguimentos humanos, especialmente da infância e da juventude. (SOARES, 2011, p. 15)

Ainda que, em um primeiro momento, possa parecer existir uma diferenciação conceitual entre Comunicação Educativa e Educomunicação, o cerne dos dois termos é o mesmo. Assim como Freire exemplifica o modelo de educação tradicional como “bancário, vertical e persuasivo” e o modelo de educação libertadora como “libertador, horizontal e dialógico”, Kaplún faz o mesmo com relação à comunicação dominadora e a comunicação democrática; também o fez – igualmente – Soares com outro termo (educomunicação), ao afirmar que

a tese segundo a qual uma comunicação essencialmente dialógica e participativa, no espaço do ecossistema comunicativo escolar, mediada pela gestão compartilhada (professor/aluno/comunidade escolar) dos recursos e dos processos da informação, contribui essencialmente para a prática educativa, cuja especificidade é o aumento imediato do grau de motivação por parte dos estudantes, e para o adequado relacionamento no convívio professor/aluno, maximizando as possibilidades de aprendizagem, de tomada de consciência e de mobilização para a ação. A essa precondição e a esse esforço multidisciplinar denominamos educomunicação.

Para além de caracterizar o significado dos termos já citados anteriormente, tanto sobre educação e comunicação, como o conjunto dos dois, é importante nos atentarmos ao que os diferencia do que é tradicional/hegemônico. Primeiramente, é a questão já levantada de que a comunicação popular ou comunitária não consiste em ser dominadora. O segundo ponto é



a sua proposta de atuação e, por fim, como se constitui a sua organização: horizontal, dialógica, participativa.

A título de exemplo: diante de uma mídia que se sente livre para produzir e divulgar o que convém ao tipo de relação que mantém com o mercado, a educação se previne e cria programas de análise crítica das mensagens em circulação; por sua vez, a comunicação, desobrigada do ensino formal, não se furta em conduzir a formação de hábitos e valores de seus públicos, através do entretenimento e de uma publicidade especificamente dirigida ao segmento infantojuvenil. Em outras palavras, os campos da comunicação e da educação, simultaneamente e cada um a seu modo, educam e comunicam (SOARES, 2011, p. 18).

Por fim, diante das considerações feitas acima, é possível afirmar, ao reconhecer o lugar da mídia hegemônica, a necessidade de uma comunicação comunitária para o exercício da cidadania em constante diálogo com a educação como prática libertadora. A partir destes dois preceitos, a construção e consolidação da contra-hegemonia surgirá como processo de transformação não só dos indivíduos como da sociedade. Transformação essa para a garantia de direitos, desconstrução das opressões, consolidação da democracia e da emancipação.

METODOLOGIA

A proposta apresentada às educandas e educandos da escola Félix da Cunha é de construção intercalada de oficinas e de uma plataforma de comunicação. As oficinas são divididas em discussões sobre determinados temas como, por exemplo, cronologia dos movimentos sociais e sua atuação histórica, o direito à cidade, opressões, como pautar a periferia etc.

De maneira intercalada, faz-se práticas como construção de textos, programas de rádio, vídeos, fotografia e utilização da web sempre relacionadas com os temas debatidos em sala de aula. Posterior a esses 10 encontros que serão feitos, as/os educandos irão apresentar que tipo de plataforma têm interesse em construir e qual será o objetivo da mesma. Durante a discussão e construção deste meio, farei apenas observação participante dando autonomia e auxílio ao que for necessário. A necessidade de os/as educandas terem um objetivo ao pensar a plataforma que irão atuar/construir é por entender a importância de que este trabalho tenha continuidade por eles/as assim que meu projeto acabar. E, também, para que ele tenha um sentido no cotidiano destes estudantes.

Dois encontros já foram realizados. No primeiro, debatemos a trajetória dos movimentos sociais no Brasil e a importância da atuação para a transformação da nossa sociedade. A

oficina foi ministrada com vídeos sobre o movimento secularista de ocupação das escolas de São Paulo em 2015, fotos do movimento estudantil na luta contra a Ditadura Civil-Militar de 1964 e jornais construídos pelo movimento estudantil universitário nesta mesma época.

Neste primeiro momento foi possível perceber o entusiasmo e a empatia das educandas com o tema, visto que as mesmas têm interesse na construção do Grêmio Estudantil da escola. Além disso, algumas vezes foram mencionadas aulas de História da escola em que o tema já havia sido exposto. Ainda que o debate comece tímido, ao iniciarem, entram em constante diálogo entre elas na busca de responder suas próprias dúvidas.

No segundo encontro, elas escreveram um texto sobre os movimentos sociais e debatemos a temática “direito à cidade”. Um texto de David Harvey e um vídeo sobre as jornadas de junho contra o aumento da tarifa foram os mediadores do debate.

Até o momento só participaram meninas, com faixa etária entre 16 e 17 anos, advindas da classe trabalhadora. Destas, 2 são brancas e 3 são negras. A própria circunstância de vida das meninas tem sido fator fundamental para a participação. No primeiro dia que nos encontramos e nos conhecemos, apresentei a proposta e o cronograma das nossas atividades e ao argumentar porque era importante pensar como a mídia hegemônica pauta a periferia – reforçando o lado negativo majoritariamente – as meninas negras fizeram muitos sinais de afirmação com a cabeça e reforçaram o que eu já sabia: há muitos pontos positivos na periferia, também. Foi aí que tive plena certeza da importância da representatividade nos veículos de comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construir Comunicação Comunitária ou contra-hegemônica é um desafio e um processo permanente de desconstrução e reflexão sobre que tipo de comunicação é essa que buscamos. Pois ela sofre – e assim o deve ser – transformações inevitáveis relacionadas ao seu tempo histórico. Pensar uma *outra comunicação* é pensar quais mensagens devem estar presentes, quais premissas para sua realização, quais critérios de avaliação conceitual, em que espaços da sociedade ela pode e deve se constituir etc. Parto do pressuposto de que toda e qualquer construção comunitária de comunicação deve conter os princípios da educação libertadora, ainda que ela não esteja sendo pensada e constituída dentro de uma escola



porque, ao possuir como alicerce principal a participação, o diálogo e o pensamento crítico, se fortalece a desconstrução da hegemonia não só no poder político como no saber da mídia convencional. A proposta deve ir além da necessidade de ocupar espaços midiáticos, mas também – no sentido original do conceito de Comunicação Comunitária – de buscar a transformação radical do sentido do que é dito, como é dito e por quem é dito. Ao meu ver, a proposta de construção e consolidação de um outro modelo comunicacional é um processo de disputa contra-hegemônica e, por isso, deve ser libertador.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1983.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1970.
- KAPLÚN, Mário. **El Comunicador Popular**. Quito. Ciespal, 1985.
- _____. **Una pedagogía de la comunicación – el comunicador popular**. La Habana. Editorial Caminos, 2002.
- KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. São Paulo. Edusc. 2001.
- MORAES, Dênis. **Comunicação, Hegemonia e Contra-Hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci**. *REVISTA DEBATES*, Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, jan.-jun. 2010.
- MOREIRA, Carlos Eduardo. **Emancipação**. In: Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte. Autêntica, 2008.
- PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília, p. 1-16.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação – o conceito, o profissional, a aplicação – contribuições para a reforma do Ensino Médio**. São Paulo. Paulinas, 2011.